

Partido Republicano

ELEÇÃO PRESIDENCIAL

Um voto uniforme dos diretores municipais foi indicado candidato do Partido, na eleição presidencial, convocada para o dia 21 de corrente mês, o DR. BERNARDO DE CAMPOS, advogado residente nessa capital.

A continuação sór de inestimáveis serviços à causa pública, prestados com intelecto competência e inexcedível patriotismo pelo preclaro chefe, honrado para ocupar mais uma vez a primeira magistratura do Estado, é a garantia mais segura, que na perfeita compreensão de sua responsabilidade, pode oferecer o Partido Republicano aos grandes interesses ligados a tão elevado cargo.

Congratulando-nos com os nossos correligionários por essa escolha, que traduz fielmente as aspirações do Estado, anima-nos a certeza de que o resultado da eleição, que se vai dar, correrá ponderadamente a seu impulsionista propria e ao alto valor do candidato.

São Paulo, 2 de maio de 1902.
DR. FREDERICO JOSÉ CARDOSO DE ARAUJO ABRECHES.

ANTONIO DE PADUA SALLES.
FRANCISCO DE ASSIS PEIXOTO GOMIDE.

ANTONIO DE LACERDA FRANCO.
JOAO ALVARES RUBIANO JUNIOR.

ELEÇÃO DE DEPUTADOS

A Comissão Central do Partido Republicano apresenta como candidatos do partido, na eleição a que se vai proceder no dia 21 de corrente, para o preenchimento das duas vagas abertas na Câmara dos Deputados do Estado, o Dr. FRANCISCO MARTINIANO DA COSTA CARVALHO, advogado, residente na capital, e o Dr. LUIZ NOGUEIRA MARTINS, advogado, residente em Sorocaba.

A indicação desses distinguidos correligionários, vantajosamente conhecidos no Estado pelos serviços já prestados naquela casa do Congresso Legislativo, parece aos abertos assignados, consultar perfeitamente o interesse público e as conveniências partidárias do momento.

Levando em resolução o conhecimento dos diretores municipais, solicitamos para elas o apoio indispensável, assim de que o resultado eleitoral manifeste mais uma vez a grande vitalidade do partido e a inteira uniformidade de vistos com que exerce a sua acção na política do Estado.

S. Paulo, 2 de maio de 1902.
DR. FREDERICO JOSÉ CARLOS DE ARAUJO ABRECHES.

ANTONIO DE PADUA SALLES.
FRANCISCO DE ASSIS PEIXOTO GOMIDE.

ANTONIO DE LACERDA FRANCO.

JOAO ALVARES RUBIANO JUNIOR.

Qual a nova cultura para substituir a do café?

A minha interrogatória à Germânia respondeu categoricamente: «Não! não existe cultura alguma capaz de substituir o do café, nas suas condições de solo, de clima e de frutos».

Esta energia resposta tranquilizou sem dúvida a maior parte dos nossos fazendeiros, acorrentados como estavam ao pé da nossa monocultura.

Um dos meus companheiros de redação desta *Revista*, o Ilustrado dr. Santos Wernerck, manifestou, não ha muito, a mesma opinião. A resposta da Germânia está de pleno acordo com o desejado de todos nós. A cultura do café é a única que conhecemos bem. Esta cultura já constituiu incontestavelmente um grande progresso. O habito de plantar café já se tornou para nós uma segunda natureza. Empreender, hoje, uma nova cultura é fazer taboada rasa do passado, é entrar de barbas brancas para uma escola de primeiras letras em que a aprendizagem vai principal por um novo a. b. c. Instintivamente os nossos nervos se revoltaram de tão desagradável projeto, tal é a repugnância que nos causa toda a reforma de velhos hábitos.

Quod volumus, facile credimus. Todo e qualquer conselho no sentido de conservarmos inalterados os nossos hábitos inveretados, teria sempre a magia de nos encher de desespero e de nos condizir para uma forma de pensamento, que procura fazer da herança um quadro sem sombras e só cercado de toda a sorte de seduções. A luta pela vida é uma dura lei. A necessidade de batalhar sempre, de renovar sempre, de nos arremessar contra as nossas armas de combate, é o que pode haver de mais cruel. Não ha coragem que não se embute, não ha temerar de animo que não se fatiga, quando temos de recomeçar todos os dias a mesma luta.

Actualmente, estamos produzindo os quatro quintos de todo o café, que se consome no mundo; estamos, por consequência, ocupando uma posição superior, que nos dá incontestáveis vantagens sobre os nossos concorrentes; com mais um pouco de persistência, poderemos desalojar e ficar senhores únicos do campo.

A perspectiva é sedutora, sem dúvida, mas a realidade das condições da luta impõe a nossa con-

sideração outros importantes elementos.

Será realizável a hypothese de star o Brasil a produzir muito de todo o café que se consome no mundo?

Temos a nossa favor terras excelentes e o clima o mais adequado à cultura do café; mas, faltam os capitais, faltam-lhos os braços e faltam os de lutar contra os perigos frettos das nossas vias ferradas.

Como individualiza que os possedentes da Europa e América do Norte se transportem para os feitios planaltos da África e Filipinas e ali ponham em movimento os milhões de braços desocupados? Poderemos arcar contra o formidável concorrente?

Mas, de modo a hypothese de formos os títulos produtores de café, nem por isso cessam os motivos de mal estar e de incertezas. S. Paulo, dentro de 19, ábia o Dr. Augusto Barros, produzindo cerca de 35 milhões de sacas, isto é, quasi todo o café das Filipinas.

O motivo, que tem dificuldade entre nós a sua cultura, é precisamente o que faz o seu principal e inestimável valor. Com a mangabeira não ha perigo de fornecermos polvora para nos mesmos guerra.

Não basta produzir; é indispensável escavar a propriedade.

Não era por puro platonismo que mantinhamos a monocultura de café; assim provavelmente porque essa cultura nos enriquecia. Hoje, a produção excessiva do consumo, de modo a empurrar para o exterior o preço do café, ameaça-nos não cobrir as despesas de produção. Nunca havíamos achado em analogia

Nestas novas condições de luta, devemos continuar impavidos a produzir mais café?

Já não é contra o concorrente estrangeiro que lutamos, é contra os mesmos. Estamos exaurindo as nossas últimas forças em uma guerra civil de produção, sem nos apercebermos que todos os nossos esforços só redundam em benefício exclusivo do intermediário, que de posse do capital, pode a venda de gradum as doses do nosso café. Tudo quanto fazemos é desperdício para salvar as aparições e fazer crer que habitamos um país independente. Temos café demais, mas não temos que comer. Quem tem que comer não tem autoridade, não pode ser independente.

Até ha pouco, era com o produto daquele que compravamos o milho e o trigo do Rio da Prata, a banha americana, a arroz do Japão, o feijão do Chile, a batata de Portugal, os tomates e as cebolas de Montevideu. O café deve para tudo!

Será possível de hoje em diante continuar essa ficção económica, que mais ou menos encoraja o porte fraco da nossa armadura? E não sendo mais possível termos tanto fraco quanto aquele que temos?

Em todo o caso, é a predominância do café que nos aperceberá que nos devemos produzir mais e o preço do café, assim como o de todos os outros artigos, deve ser menor.

Bem calcule o espanto e a surpresa que estas minhas palavras causarão. Bem sei que a incredulidade é, em geral, a única arma salutar, que nos couragea contra o desconhecido e nos premia contra as arriscadas aventuras. Mas, sei igualmente que a incredulidade não exclui as *credences*, que se aninham no mesmo cerebro, sob as asas de uma invertebrada rotina.

No terreno da borracha não é possível a luta contra S. Paulo, simplesmente porque aqui se realizam certas condições climáticas, que não permitem conduzir o grão, quasi todo seco, do cafézal para as tulhas e as máquinas. Os *ditos* climáticos em matra de lávora! — jâmais podermos ligar demasiada importância a esses supostos factores.

E um detalhe climático e physiologico que vai determinar a nossa preponderância nos futuros mercados.

Por isso, que temos de produzir é a cultura do café, que nos permitirá dominar o mercado, e não o de todos os outros artigos.

Até ha pouco, era com o produto daquele que compravamos o milho e o trigo do Rio da Prata, a banha americana, a arroz do Japão, o feijão do Chile, a batata de Portugal, os tomates e as cebolas de Montevideu. O café deve para tudo!

Será possível de hoje em diante continuar essa ficção económica, que mais ou menos encoraja o porte fraco da nossa armadura? E não sendo mais possível termos tanto fraco quanto aquele que temos?

Em todo o caso, é a predominância do café que nos aperceberá que nos devemos produzir mais e o preço do café, assim como o de todos os outros artigos, deve ser menor.

Bem calcule o espanto e a surpresa que estas minhas palavras causarão. Bem sei que a incredulidade é, em geral, a única arma salutar, que nos couragea contra o desconhecido e nos premia contra as arriscadas aventuras. Mas, sei igualmente que a incredulidade não exclui as *credences*, que se aninham no mesmo cerebro, sob as asas de uma invertebrada rotina.

No terreno da borracha não é possível a luta contra S. Paulo, simplesmente porque aqui se realizam certas condições climáticas, que não permitem conduzir o grão, quasi todo seco, do cafézal para as tulhas e as máquinas. Os *ditos* climáticos em matra de lávora! — jâmais podermos ligar demasiada importância a esses supostos factores.

E um detalhe climático e physiologico que vai determinar a nossa preponderância nos futuros mercados.

Por isso, que temos de produzir é a cultura do café, que nos permitirá dominar o mercado, e não o de todos os outros artigos.

Até ha pouco, era com o produto daquele que compravamos o milho e o trigo do Rio da Prata, a banha americana, a arroz do Japão, o feijão do Chile, a batata de Portugal, os tomates e as cebolas de Montevideu. O café deve para tudo!

Será possível de hoje em diante continuar essa ficção económica, que mais ou menos encoraja o porte fraco da nossa armadura? E não sendo mais possível termos tanto fraco quanto aquele que temos?

Em todo o caso, é a predominância do café que nos aperceberá que nos devemos produzir mais e o preço do café, assim como o de todos os outros artigos, deve ser menor.

Bem calcule o espanto e a surpresa que estas minhas palavras causarão. Bem sei que a incredulidade é, em geral, a única arma salutar, que nos couragea contra o desconhecido e nos premia contra as arriscadas aventuras. Mas, sei igualmente que a incredulidade não exclui as *credences*, que se aninham no mesmo cerebro, sob as asas de uma invertebrada rotina.

No terreno da borracha não é possível a luta contra S. Paulo, simplesmente porque aqui se realizam certas condições climáticas, que não permitem conduzir o grão, quasi todo seco, do cafézal para as tulhas e as máquinas. Os *ditos* climáticos em matra de lávora! — jâmais podermos ligar demasiada importância a esses supostos factores.

E um detalhe climático e physiologico que vai determinar a nossa preponderância nos futuros mercados.

Por isso, que temos de produzir é a cultura do café, que nos permitirá dominar o mercado, e não o de todos os outros artigos.

Até ha pouco, era com o produto daquele que compravamos o milho e o trigo do Rio da Prata, a banha americana, a arroz do Japão, o feijão do Chile, a batata de Portugal, os tomates e as cebolas de Montevideu. O café deve para tudo!

Será possível de hoje em diante continuar essa ficção económica, que mais ou menos encoraja o porte fraco da nossa armadura? E não sendo mais possível termos tanto fraco quanto aquele que temos?

Em todo o caso, é a predominância do café que nos aperceberá que nos devemos produzir mais e o preço do café, assim como o de todos os outros artigos, deve ser menor.

Bem calcule o espanto e a surpresa que estas minhas palavras causarão. Bem sei que a incredulidade é, em geral, a única arma salutar, que nos couragea contra o desconhecido e nos premia contra as arriscadas aventuras. Mas, sei igualmente que a incredulidade não exclui as *credences*, que se aninham no mesmo cerebro, sob as asas de uma invertebrada rotina.

No terreno da borracha não é possível a luta contra S. Paulo, simplesmente porque aqui se realizam certas condições climáticas, que não permitem conduzir o grão, quasi todo seco, do cafézal para as tulhas e as máquinas. Os *ditos* climáticos em matra de lávora! — jâmais podermos ligar demasiada importância a esses supostos factores.

E um detalhe climático e physiologico que vai determinar a nossa preponderância nos futuros mercados.

Por isso, que temos de produzir é a cultura do café, que nos permitirá dominar o mercado, e não o de todos os outros artigos.

Até ha pouco, era com o produto daquele que compravamos o milho e o trigo do Rio da Prata, a banha americana, a arroz do Japão, o feijão do Chile, a batata de Portugal, os tomates e as cebolas de Montevideu. O café deve para tudo!

Será possível de hoje em diante

continuar essa ficção económica, que mais ou menos encoraja o porte fraco da nossa armadura? E não sendo mais possível termos tanto fraco quanto aquele que temos?

Em todo o caso, é a predominância do café que nos aperceberá que nos devemos produzir mais e o preço do café, assim como o de todos os outros artigos, deve ser menor.

Bem calcule o espanto e a surpresa que estas minhas palavras causarão. Bem sei que a incredulidade é, em geral, a única arma salutar, que nos couragea contra o desconhecido e nos premia contra as arriscadas aventuras. Mas, sei igualmente que a incredulidade não exclui as *credences*, que se aninham no mesmo cerebro, sob as asas de uma invertebrada rotina.

No terreno da borracha não é possível a luta contra S. Paulo, simplesmente porque aqui se realizam certas condições climáticas, que não permitem conduzir o grão, quasi todo seco, do cafézal para as tulhas e as máquinas. Os *ditos* climáticos em matra de lávora! — jâmais podermos ligar demasiada importância a esses supostos factores.

E um detalhe climático e physiologico que vai determinar a nossa preponderância nos futuros mercados.

Por isso, que temos de produzir é a cultura do café, que nos permitirá dominar o mercado, e não o de todos os outros artigos.

Até ha pouco, era com o produto daquele que compravamos o milho e o trigo do Rio da Prata, a banha americana, a arroz do Japão, o feijão do Chile, a batata de Portugal, os tomates e as cebolas de Montevideu. O café deve para tudo!

Será possível de hoje em diante

continuar essa ficção económica, que mais ou menos encoraja o porte fraco da nossa armadura? E não sendo mais possível termos tanto fraco quanto aquele que temos?

Em todo o caso, é a predominância do café que nos aperceberá que nos devemos produzir mais e o preço do café, assim como o de todos os outros artigos, deve ser menor.

Bem calcule o espanto e a surpresa que estas minhas palavras causarão. Bem sei que a incredulidade é, em geral, a única arma salutar, que nos couragea contra o desconhecido e nos premia contra as arriscadas aventuras. Mas, sei igualmente que a incredulidade não exclui as *credences*, que se aninham no mesmo cerebro, sob as asas de uma invertebrada rotina.

No terreno da borracha não é possível a luta contra S. Paulo, simplesmente porque aqui se realizam certas condições climáticas, que não permitem conduzir o grão, quasi todo seco, do cafézal para as tulhas e as máquinas. Os *ditos* climáticos em matra de lávora! — jâmais podermos ligar demasiada importância a esses supostos factores.

E um detalhe climático e physiologico que vai determinar a nossa preponderância nos futuros mercados.

Por isso, que temos de produzir é a cultura do café, que nos permitirá dominar o mercado, e não o de todos os outros artigos.

Até ha pouco, era com o produto daquele que compravamos o milho e o trigo do Rio da Prata, a banha americana, a arroz do Japão, o feijão do Chile, a batata de Portugal, os tomates e as cebolas de Montevideu. O café deve para tudo!

Será possível de hoje em diante

continuar essa ficção económica, que mais ou menos encoraja o porte fraco da nossa armadura? E não sendo mais possível termos tanto fraco quanto aquele que temos?

Em todo o caso, é a predominância do café que nos aperceberá que nos devemos produzir mais e o preço do café, assim como o de todos os outros artigos, deve ser menor.

Bem calcule o espanto e a surpresa que estas minhas palavras causarão. Bem sei que a incredulidade é, em geral, a única arma salutar, que nos couragea contra o desconhecido e nos premia contra as arriscadas aventuras. Mas, sei igualmente que a incredulidade não exclui as *credences*, que se aninham no mesmo cerebro, sob as asas de uma invertebrada rotina.

No terreno da borracha não é possível a luta contra S. Paulo, simplesmente porque aqui se realizam certas condições climáticas, que não permitem conduzir o grão, quasi todo seco, do cafézal para as tulhas e as máquinas. Os *ditos* climáticos em matra de lávora! — jâmais podermos ligar demasiada importância a esses supostos factores.

E um detalhe climático e physiologico que vai determinar a nossa preponderância nos futuros mercados.

Por isso, que temos de produzir é a cultura do café, que nos permitirá dominar o mercado, e não o de todos os outros artigos.

celina, dirigido pela exma. sr. d. Maria Eugénia Nunes, nata de desse anno, nascido, dirigido pela exma. sr. d. Malvina, de França Mangal, nata de Seteira, quanto anno, dirigido pela exma. sr. d. Ana Barbara, nata da exma. sr. d. de Souza, que é deputado esta nata, dada, pelo respectivo professor, exma. sr. d. Cecília Viegas.

Além dessas salas, as ilustres visitantes teve ocasião de assistir a exercícios coletivos de ginnástica no ex. Nivea, pelas alunas do quarto anno e quintas exercícios militares pelo professor José Pinto da Silva, e as evoluções militares pelas alunas do quarto anno e quinto, sob a direção do sr. professor José Costa.

O sr. Estevam de Oliveira, assim como o dr. Mário Belchior e o sr. Alencar Lins, exma. sr. d. Joaquim Candido de Azevedo Marques, que foi por muitos annos Inspector da Secretaria da Fazenda; e de d. Rita Peixoto de Melo, ambos paulistas.

Bacharel em direito pelo Faculdade de S. Paulo em 1886.

Promotor público de Batatas, nomeado a 13 de Abril de 1886, pelo Conselheiro João A. Freire, em tão presidente da província.

Juiz municipal de Batatas, no anno seguinte, por decreto de 28 de Maio de 1887.

Juiz de direito de Franca, por decreto de 7 de Novembro de 1890, sendo ministro da Justiça do Governo provisório o dr. Caímos Sales, removido para Batatas por decreto de 30 de Junho de 1887.

O dr. Azevedo Marques deixou a carreira da magistratura, quando foi nomeado a 1º Estado, Alvim, então, juiz de direito de São Paulo, deputado, e promotor público, pelo qual se prenderam muitos suspeitos. E este devido seu dílio, tanto ao criterio do director que a sua prudencia também à indiscutível capacidade profissional seu corpo docente, não houve demonstrado.

Não tenho, pola, palavras com que o felicite, como sera o meu intento.

Estevam de Oliveira.

Mario Belchior, inspector-geral, visitando o grupo escolar do Brás, dirigido pelo sr. João F. Pinto e Silva, tentou viver satisfação em talzal que conseguiu a surpreendente admiração que me causou o extraordinário preveler das suas recordações de alunos e alumnas, que o diretor sempre defendeu particularmente. E este devido seu dílio, tanto ao criterio do director que a sua prudencia também à indiscutível capacidade profissional seu corpo docente, não houve demonstrado.

Não tenho, pola, palavras com que o felicite, como sera o meu intento.

Estevam de Oliveira.

Parabéns.

Mario Belchior, inspector-geral,

visitando o grupo escolar do Brás, dirigido pelo sr. João F. Pinto e Silva, tentou viver satisfação em talzal que conseguiu a surpreendente admiração que me causou o extraordinário preveler das suas recordações de alunos e alumnas, que o diretor sempre defendeu particularmente. E este devido seu dílio, tanto ao criterio do director que a sua prudencia também à indiscutível capacidade profissional seu corpo docente, não houve demonstrado.

Não tenho, pola, palavras com que o felicite, como sera o meu intento.

Estevam de Oliveira.

Os srs. d. José de Barros, André Sanchez, Moysés, Soárez, Alonso, Francisco Mezo, Horácio Santini, Valentim Guedes, Santiago Utrera, Darno Vazquez e o jornal "La Voz d'España" em sua edição, saudaram os homens de São Paulo, telegrafando, pelo seu redor, o ascenso ao trono de Henrique.

No mesmo telegramma, os senhores padres aquele monarca que sera nomeado em conselho de exaltação para este Estado.

Foi honrado lento subatista da 7ª secção da Faculdade de Direito e sr. dr. Frederico Stiebel, que, apesar de concorrente, foi classificado em 1º lugar.

O dr. Stiebel, advogado do toro capital, é bastante conhecido e apreciado entre os, e, estavam certos, muito inclinado, com essa nomenclatura, a Faculdade de Direito, que nesse terá um professor inteligente e capaz.

Enviou-nos realizada honrante, os bachelardos encorajaram para orador, de turma, o sr. Armando Prado, e para paramypho o sr. dr. Reynaldo Porchat.

O proximo dia, 21, designado para as eleições de presidente e 2 deputados estaduais, será considerado feriado fechando-se por esse motivo as repartilhas públicas.

O dr. Delfim Vilela, delegado da 1ª circunscrição, foi honrado na abertura do 1º ofício dos protestos de letras e títulos de divisa.

«esta que será nomeado delegado de polícia o dr. Alberto Fausto.

HOMENS PUBLICOS

Do «Album Paulista»

(Início) VII

Deputados Federais

SETIM DISTRITO

(Continuado)

Dr. Alfredo Ellis

Nascido em S. Paulo, a 19 de março de 1850, filho de um Ilustrado iuguez, dr. Guilherme Ellis, do antiquíssima família de Inglaterra, originária do nicipado de Galles, e de d. Maria do Carmo da Cunha Bueno, filha legítima do major Francisco Mariano da Cunha e de d. Joaquima Angelica de Barros Bueno, descendente com linha recta de Amador Bueno da Ribeira, tão celebre na cronica dos tempos coloniais dessa terra.

Alfredo Ellis fez em S. Paulo o curso de estudos preparatórios. Seguiu em 1855 para os Estados Unidos, e ahi estudou ciências medicas na Universidade de Pensylvania, da qual recebeu o diploma de doutor em medicina a 15 de março de 1859.

Da Norte-America, de posse do seu diploma científico, partiu o dr. Alfredo Ellis para a Europa, onde visitou os mais notáveis hospitais e frequentou aulas e clínicas de Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Holanda.

Voltou ao Brasil, e a 3 de novembro desse mesmo anno prestou exame de suficiencia, e a 10 de dezembro, com excepcional brillantismo defendia these perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo aprovado, com distinção. A sua tese versa sobre "os efeitos de um remedio novo em doenças de pele".

Subscrevendo plenamente a essa conceituosa apreciação, apresentou-a consignada nesta pagina o relevante servizo que o nosso distinto conterrâneo acaba de prestar à jurisprudência patria.

Para a Glória

presentante dos republicanos de São João da Boa Vista.

No novo regimen, tem sido eleito

senador ao Congresso do Esta-

do no sexenio de 1893-900: de-

putado pelo 8º distrito ao Con-

gresso Nacional, para o actual trienio.

Dr. José Manuel de Azevedo

Marques

Nascceu na capital a 19 de Fevereiro de 1855, filho do Com-

endente Joaquim Candido de Azevedo

Ellis, em sua carreira

de oficial, tenente da

guarda civil, em 1883

depois de 1886

